

ISABEL CRISTINA PIRES

# O príncipe mais que perfeito | Contos de mal dizer: o cão

## O príncipe mais que perfeito

No seu décimo-primeiro aniversário, o príncipe recebeu um cachorrinho, um bicho todo branco e com uma malha castanha num dos olhos. E toda a corte sorriu quando o cãozito saltou atabalhoadamente para cima da mesa e começou a lamber uma das *galantines*.

O bolo de aniversário foi então trazido com pompa, lentamente, com as onze velas a brilhar na obscuridade. Os olhos do garoto não se fixaram no bolo mas sim no cão, que se aninhara no seu regaço e adormecera. Foi assim que começou uma daquelas amizades de coração fundido para sempre.

Há muitas gerações que aquela dinastia ocupava o trono português – todos uns bonacheirões, uma gente simpática que desperdiçava o poder em ninharias ou o deixava escapar por entre os dedos. No entanto, lá iam convencendo o povo que nunca nenhum regime fora tão eficaz.

Os republicanos ainda não tinham conseguido impor a causa: faltava-lhes aquela figura paterna a sossegar a nação. Tinham apenas uns quantos ideais bonitos, mas descarnados, vagos, impessoais, e o problema é que toda a gente queria um rei em carne e osso, uma pessoa que se pudesse olhar, amar ou detestar. O rei? Isso sim. O rei era uma pessoa de família.

Até que as coisas começaram a mudar: acontecimentos, fenómenos, mutações e discontinuidades do séc. XXI, que modificaram o espírito e a carne dos homens e das mulheres e que iam mordendo o como e o porquê da governação.

No Portugal de então, os blogues pululavam de anedotas monárquicas, análises profundas ou ligeiras, chocarrices ou teorias da conspiração, e lá vinha a vergonha pela continuação de um regime tão retrógrado. E lá vinham as

queixas da sempiterna cauda da Europa. Porque a cauda já não abanava alegremente, antes batia no chão pancadas irritadas.

“Como é que é possível, no final do séc. XXI, assumir que o *pool* genético da família real deve ser perpetuado no exercício do poder? Agora que os avanços da Genética tinham demonstrado que a chamada superioridade de casta é uma forma de pensamento mágico para justificar a cobiça e a violência? Que as diferenças são apenas à superfície da pele?” – diziam os bio-sociólogos. “Pele essa real e metafórica”, continuavam os neurocientistas, que caçavam o mistério humano com a paixão daqueles que estudam as estrelas.

A longínqua tríade setecentista da “*Liberté, Egalité, Fraternité*” não era um *slogan* de revolta, mas sim uma tranquila verdade meta-científica que já ninguém contestava. O fundamento basilar da monarquia esboroava-se a olhos vistos, apesar do peso preguiçoso da tradição. O mal-estar agravou-se após a cimeira mundial que discuti os problemas éticos e morais da engenharia genética humana.

A rainha, que era muito hábil a sentir todas estas emoções e a adaptar-se aos novos tempos, decidiu fazer uma declaração ao povo logo após o seu casamento. O discurso foi comprido, pontuado de grandes planos dos olhos e cheio de sorrisos maternais.

– Reconheço que é hora de mudança porque o povo assim o quer (o povo suspirou e escutou com outro interesse), reconheço que as críticas aos fundamentos da monarquia são pertinentes, pelo que proponho que o próximo rei seja já o resultado das espantosas possibilidades que a ciência nos oferece. Que o rei seja o melhor dos homens, sem mácula, sem doença, sem imperfeições, capaz de governar com amor e sensatez. Melhor, bem melhor que eu ou qualquer dos seus avós. Porque é o que o povo merece!

O entusiasmo popular surgiu descrito em alguns meios de informação como “indescritível e delirante”. O debate político acendeu-se dos dois lados, embriagado de razão e de ferocidade. Um rei talhado à medida? Um bionte? Uma marioneta? Um robot? “Distopia sinistra”, clamavam uns. “Um rei perfeito”, garantiam os outros.

Debateram-se prós e contras, justiça, contra-poderes, influências, regalias. No parlamento, os republicanos humilharam os adversários por aquela inadmissível solução para conservar o poder a todo o custo (“Patética!! Orwelliana!!! Nazi!!!”, urravam da galeria), e os monárquicos ripostaram com os argumentos da casa real, sublinhando ainda e sempre o supremo interesse do povo e insinuando que eram os republicanos que estavam sedentos de poder, e que este corrompia sempre. “Só o rei está livre dessa nefasta corrupção, porque encarna a Pátria inteira”. Nessa altura houve troca de socos, insultos e pontapés,

que animaram a assembleia e saltaram alegremente para as primeiras páginas da informação mundial.

Tudo isto acontecera doze anos antes. O futuro príncipe foi modificado geneticamente para ter os mesmos olhos grandes e a mesma voz rolada e sedosa sua mãe, e até a sua capacidade de sentir sofreu modificações. “Um governante demasiado emotivo é um mau governante”, diziam os cientistas da corte. Foram introduzidos, entre outros, os genes da inteligência cognitiva, da memória selectiva para rostos, da oratória, da perspicácia cirúrgica, da vontade de ferro. “Parecemos as fadas-madrinhas das histórias para crianças”, disse um deles, enquanto removiam genes e os colocavam em segmentos diferentes do real ADN. “Boas ou más?”. “Ambas, claro”, e a conversa ficou por aí.

Nos meses que se seguiram ao seu aniversário, o príncipe tinha-se ligado ao cachorrinho de uma maneira inexplicável. Ele, sempre tão cordato e respeitador, teve uma crise de raiva quando lhe quiseram proibir o bicho no quarto de dormir. O rapaz impecavelmente limpo rolava agora na lama do jardim às gargalhadas e aos abraços ao cão, e não comparecia às audiências sem ele. Fugia de vez em quando, negligenciava os seus deveres, maltratava os lacaios, recusava admoestações. Tudo isto engelhava as testas dos cientistas, dos pedagogos e dos politólogos reais.

Os jornais republicanos oscilavam no habitual fio da navalha da crucificação, da calúnia verrinosa, do desgosto e da sátira face a estes comportamentos.

Com o passar dos meses, tornou-se claro que aquele animal era uma ameaça para o desenvolvimento psico-motor do príncipe, impedia-lhe a aquisição de novas competências sociais e alçava vergonhosamente a pata junto às colunas do átrio. Os sussurros bichanados aos cantos cristalizaram num plano para eliminar o cachorro. “Que bizarro, um canídeo a pôr assim em risco a monarquia”, comentavam os reais geneticistas.

A corte reuniu-se para deliberar as medidas adequadas. “Como poderemos eliminar este perigo sem pôr em risco o regime? E, sobretudo, sem que o jovem príncipe descubra as nossas intenções?”

– Ora, ora, meus senhores, o príncipe é demasiado inteligente e cónscio dos seus deveres. E o cão está sempre com ele, dia e noite. Não será pela força, mas sim pelo raciocínio, que conseguiremos vencer esta batalha – lembrou o real secretário. “Bem jogado”, sussurrou o assessor.

O príncipe foi convocado para comparecer perante a corte. Apareceu, como sempre, sério e um pouco altivo, com o cãozito branco colado a si, e sentou-se perante a assembleia. O bicho, com aquela manchita castanha que parecia um soco, abanava o rabo de contentamento por ver tanta gente à sua volta.

Não foi o rei, mas sim um dos conselheiros mais eloquentes quem dirigiu a reunião. Expôs a situação de forma brilhante, lúcida, irrecusável. O bicho surgiu como um dissidente ao mando dos republicanos; uma mácula no carácter do príncipe; uma distorção aberrante do real quotidiano; um animal que perturbava tudo e todos e punha em risco o equilíbrio – e até! – a legitimidade do seu dono. Um animal, que, ai deles, devia ser abatido de imediato.

O rapaz ouviu tudo com atenção, acariciando as orelhas do cão. E foi um imenso silêncio que ficou quando o conselheiro acabou a exposição.

Todos fixavam o rapaz, magro e imóvel, com o cãozito branco adormecido aos pés. O príncipe olhava para toda a gente, um a um, e era impossível saber em que é que pensava. Rosto inexpressivo, olhos rápidos, a mão direita pousada na cabeça do animal.

Finalmente levantou-se e pôs-se muito direito.

– Faça-se.

## Contos de mal dizer: o cão

Naquela altura eu não tinha nada que fazer. Poderão censurar-me, mas comecei a seguir a Freya todos os dias, quando ela ia para o laboratório de Biologia. Não sei o que me levou a escolher aquela mulher, se o perfume que ela usava, o cabelo escuro a contraluz, a maneira como andava sem balançar os braços ou outra coisa qualquer. Mas percebi-lhe os olhos antes de olhar verdadeiramente para ela. Só assim sabemos se é possível mergulhar dentro de alguém, se é seguro, se vale a pena.

Ficava horas e horas à porta da casa dela, sentado no passeio, à espera que ela saísse. Às vezes, a Freya trabalhava o dia inteiro no laboratório, outras vezes saía com uma mochila para fazer trabalho de campo, e então era mais divertido. Tinha de correr por entre o mato para conseguir acompanhá-la, coisa que a aborrecia nos primeiros tempos. “Vai-te embora! Não tenho tempo para ti”, dizia-me ela muitas vezes.

Eu já sabia que ela vivia sozinha, e um dia atrevi-me a segui-a dentro de casa. Não me expulsou. Olhou para mim sem parecer notar que eu tinha dado várias voltas à sala antes de escolher uma cadeira onde me enrosquei. Depois sentou-se à secretária, de testa enrugada, e mergulhou as mãos no cabelo, completamente absorvida. Esteve a ler e a pensar durante horas, o livro de Biologia Molecular debaixo dos cotovelos. Finalmente levantou-se e abriu o frigorífico. Olhei para ela e ela olhou para mim, quase a sorrir. Sempre calada, estendeu-me um inacreditável pedaço de carne e arqueou interrogativamente as sobrançelas.

Foi assim que começou a minha vida em casa da Freya.

\*\*\*

Eu cercava-a de devoção. Ela era, evidentemente, uma deusa, mas uma deusa rude, desastrada, decidida e autoritária, indiferente a tudo e a todos. Mas, que querem? Eu adorava-a.

Tinha uma voz rouca, áspera e desabituada de inflexões. Quando me falava, parecia um pato a grasnar, mas nunca esperava que eu respondesse. Só lhe interessava a Biologia, sobretudo a Entomologia daquele planeta pouco conhecido. Consentia-me em casa porque eu não a incomodava, limitava-me a olhá-la com a dedicação que é meu apanágio, com o coração a latir de amor.

Um dia, recebeu um convite para explorar a fauna de uma qualquer ilha do outro lado do planeta. Fiquei admirado porque nessa altura fartou-se de falar, perguntou imensas coisas e ouviu durante muito tempo, a acenar com a

cabeça. Depois precipitou-se para o computador, mas enxotou-me quando quis estar ao pé dela, impaciente, debruçada no ecrã a consultar mapas e imagens.

Aquela ilha nem sequer tinha nome, era só um número de série num oceano povoado de arquipélagos vulcânicos, um local pouco estudado onde não havia sequer Aves ou Mamíferos.

No dia seguinte, foi buscar um saco enorme, embalou roupa, comida, medicamentos e instrumentos esquisitos até que o saco quase rebentou. Deixou a casa toda desarrumada e saiu comigo atrás.

A Freya mal conseguia andar, ajoujada com todo aquele peso que transportava às costas. Eu gostaria de ajudá-la, mas ela, a ofegar, virou-se para mim.

– Vai para casa! Já te disse que não vens comigo! Vai-te embora! – e, sem olhar para trás, recomeçou a marcha vacilante em direção ao cais de embarque.

\*\*\*

O navio começou a zarpar lentamente, cautelosamente, com um barulho infernal de motores. A água espadanava, forçando a lama cor de chocolate a redemoinhar e a vir à superfície. A Freya, no convés, observava a manobra, sem se dar conta que eu estava ali em frente, na doca, a gemer, com toda a gente a olhar para mim. Sim, é verdade que o meu coração é simples, que não tenho nenhum pudor. Como não havia eu de gemer, e de uivar, e de sentir uma dor lancinante no peito enquanto ela me abandonava?

O barco afastava-se do cais. Não consegui conter-me por mais tempo: atirei-me à água e comeci a nadar desastradamente atrás do barco.

Alguns passageiros, debruçados na amurada, começaram a gritar, enquanto eu me esforçava para não ir ao fundo. O navio parou e fui resgatado; fiquei ali no convés, miserável, a pingar água, enquanto o capitão me falava com aspereza. Felizmente, como já estava atrasado, consentiu que eu permanecesse no navio. Logo que fiquei seco, corri imediatamente para a Freya, que encolheu os ombros.

No navio toda a gente conhecia “o caso do Cão”. Achavam graça à história, até conversavam comigo, mas a Freya continuou, como sempre, sem se dar com ninguém, constantemente enfronhada nos livros e no computador.

Chegámos à ilha uma semana depois. Desembarcámos numa lancha, juntamente com o grupo encarregado de montar o abrigo e de transportar o resto do equipamento, inclusive um velhíssimo gerador alimentado a plutónio. A Freya protestou contra aquele anacronismo, mas via-se que estava entusiasmada com o projeto.

\*\*\*

No dia a seguir, a equipa terminou o trabalho e o navio zarpar para o continente, deixando-nos sozinhos.

Explorámos então a ilha, que de facto não era grande e tinha costas escarpadas a leste. A nor-noroeste, a cratera roída de um vulcão. A sul e oeste, praias de areia e um cordão de dunas amarelo-douradas. A partir daí, uma enorme floresta que cobria tudo, atravessada por rios e algumas raras clareiras silenciosas.

A Freya saía todos os dias para o exterior, capturando insectos, fotografando e anotando. Eu explorava o terreno com enorme curiosidade e procurava tornar-me útil, mas ela ralhava, chamava-me um estorvo idiota, sempre a mexer-me e a prejudicar as suas observações.

Apesar de tudo, reconhecia que eu era meigo, e, à medida que os dias iam passando, começou a gostar que eu estivesse por perto: apoiava a cabeça contra mim ou passava devagar a mão pelo meu dorso. Às vezes falava comigo. Depois de uma tempestade que arrancou várias árvores e fez baixar imenso a temperatura, passei a dormir na cama dela.

\*\*\*

Uma noite, ouvimos um zunido que vinha da praia, não muito longe dali. Através da janela, vimos uma espécie de aurora boreal que dançava no céu, cor de violeta, mas que logo se extinguiu. A Freya foi ver o quadro do gerador e resmungou para consigo mesma.

Na madrugada seguinte, mesmo antes do nascer do sol, saí do abrigo e dirigi-me para o areal. Enquanto eu corria ao lado das ondas, o mar começou literalmente a ferver. Das orlas de espuma ao longo de toda aquela areia começaram a surgir pequenos caranguejos vermelhos, centenas, milhares de caranguejos minúsculos que saíam da água, como se ela própria estivesse a vomitar aquela bicharia imparável.

Comecei a correr para casa, a arfar. Quando olhei para trás, toda a costa ia ficando coberta por uma massa rugosa que parecia um sudário escarlate, de onde saía um rumor que aumentava a pouco e pouco. Aquela máquina ia-se sumindo na vegetação, triturando e devorando folhas, talos e ramos com um clique-clique constante.

Entre na cabana. A Freya dormia ainda, envolta no cobertor de quadrados pretos e azuis. Dormia como se aquela terra fosse a sua e não estivesse exilada numa ilha estranha, num planeta que não era o seu. Como se as rochas, a atmosfera rarefeita, os penhascos brancos com estrias verdes, as dunas e a floresta lhe dessem o sossego que nunca tinha tido.

Acordou de repente com o estalido quase metálico dos caranguejos. Estremunhada, levantou-se e foi espreitar à janela. A bicharia trepava agora as dunas, que ficaram cobertas por um manto berrante e dotado de vida própria, que avançava, avançava sempre. A Freya fechou de imediato a porta e trancou

as janelas. Só deixou uma fresta para poder ver o avanço dos caranguejos. Começou a consultar os apontamentos, aflita, mas nada explicava aquele fenómeno. Do pouco que se sabia, aqueles invertebrados marinhos nunca tinham invadido a terra.

Os pequenos artrópodes continuavam a golfar da praia. Despedaçavam e devoravam tudo, tomados de um furor incompreensível, de um apetite apocalíptico que destruía tudo. Só ficavam os troncos lisos das árvores, e em breve o solo ficou coberto de destroços castanhos e desolados.

\*\*\*

A onda vermelha rodeou a cabana com um grosso ruído de destruição, num fervilhar de patas e antenas. Tentavam subir as paredes, insinuavam as pinças sob os caixilhos das janelas, e o sol, incidindo sobre toda aquela massa fervilhante, cegava com uma luz avermelhada.

A Freya procurou acalmar-me, embora ela própria estivesse aterrorizada. Lá fora, o arranhar e o crepitar aumentavam de intensidade. Ela continuava a folhear os cadernos, ofegando.

– Os caranguejos australianos também emigram todos os anos aos milhões, mas não atacam ninguém. E vão da terra para o mar, e não ao contrário.

De repente lembrou-se do zunido da noite anterior e soltou uma exclamação. Será que haveria alguma relação com o caso? Ou teria o gerador de PU-239, que distava quase um quilómetro dali, tido alguma influência no comportamento dos caranguejos?

Foi novamente observar as leituras dos mostradores e respirou fundo.

– Para já, é necessário desligar imediatamente o gerador, que está a chegar a um ponto crítico. Cão, tu ficas aqui, ouviste? Não saias do abrigo.

Mas antes que ela pudesse sair, dei-lhe um violento encontrão que a fez cair e bater com a cabeça na parede. Vi-a desmaiada e fiquei satisfeito. Em meio segundo, escapei do abrigo e fechei a porta atrás de mim.

Imediatamente os caranguejos começaram a subir por mim acima e envolveram-me por completo. Eram tão rápidos que não conseguia sacudi-los.

Eu corria o mais depressa que podia, mas as dores eram insuportáveis. Os bichos não eram grandes, mas tinham tenazes afiadas que me perfuravam a pele e, mais depressa do que eu podia sacudi-los, começaram a roer-me. Deitei-me ao chão e rolei-me, aos uivos, o que me permitiu algum alívio, enquanto centenas deles ficavam esmagados no meio de uma linfa cor de carne.

Reergui-me e recomecei a correr. Tinha pouco tempo, bem o sabia. Os caranguejos voltaram a cobrir-me como uma capa, e o peso dificultava-me ainda mais a corrida. O sangue começou a golfar enquanto eu era devorado

vivo, esfacelado, roído, triturado, estraçalhado, sempre a correr em direção ao gerador. A dor era tão grande que eu uivava sempre, uivava e corria. A certa altura atingiram uma artéria qualquer e eu soube que tinha apenas alguns segundos antes de conseguir desligar o gerador com ambas as mãos encharcadas de sangue.

\*\*\*

No dia seguinte, Freya olhou demoradamente o cadáver semidevorado do seu companheiro:

– Pobre homem! Pobre homem! Nunca percebi porque é que gostavas tanto de mim. Nem porque adoravas essa tua alcunha ridícula.

#### NOTA BIOGRÁFICA

Isabel Cristina Pires nasceu em 1953, na Pampilhosa, e em 1976 licenciou-se em Medicina em Coimbra, especializando-se em Psiquiatria. O seu primeiro livro de contos, em 1987, foi contemplado com o prémio Caminho de Ficção Científica. Nesta editora, Caminho, publicou as seguintes obras: *Universal Limitada* (1987, contos; prémio Revelação da revista Mulheres); *A Árvore das Marionetas* (1989, romance); *A Casa em Espiral* (1991, contos; 2.<sup>a</sup> ed. Círculo de Leitores, 1997); *A Roda do Olhar* (1993, poesia); *À Porta de Nárnia* (1995, poesia); *Cobra de Papel* (1997, poesia); *Todas as Cores do Azul* (2001, poesia); *O Nome do Poeta* (2003, romance); *Deserto Pintado* (2007, poesia). Na editora Palimage, deu à estampa *O País das Ondas à Janela* (2013, poesia); *Cidade das Imagens* (2015, poesia, com ilustrações). Na editora Lua de Marfim, publicou *Rasura no Ar* (2016, poesia). Isabel Cristina Pires está representada em numerosas antologias de poesia e conto, quer em Portugal, quer no estrangeiro (traduções em catalão, francês, inglês e alemão). Na sua qualidade de pintora autodidata, tem participado em exposições individuais e coletivas.

